



Resumo: O presente texto tem como objetivo principal revisar e comparar as iniciativas teóricas recentes e contemporâneas que procuram estudar a idéia de “Controle Social”, principalmente a sociologia norte-americana e o pensamento pós-moderno francês e propor uma síntese dessas correntes que aponte não somente para construção de uma nova concepção da idéia de “Controle Social”, mas, sobretudo que aplique essa noção ao cenário contemporâneo e ao estudo das relações entre Mídia e Poder.

Palavras chaves: *Controle, Cibercultura e Tecnologia da Comunicação.*

DO CONTROLE SOCIAL À SOCIEDADE DE CONTROLE¹

Marcelo Bolshaw Gomes (1)

Globalização, Pós-modernidade, Cibercultura, Capitalismo Informacional, Idade da Mídia, Sociedade Pós-industrial – muitas são as palavras que buscam definir o cenário da sociedade contemporânea. Porém, na maioria das vezes, essas palavras escondem concepções parciais. E mais: algumas enfatizam demais o papel central desempenhado pelos meios de comunicação na vida social, outras acreditam (mas não explicam) que o indivíduo desempenha agora um papel predominante sobre as instituições.

O termo “Controle” é usado por duas vertentes teóricas bastantes diferentes: a sociologia norte-americana e o pensamento pós-moderno francês. Na América, o termo “controle” aparece inicialmente no pensamento funcionalista de Talcott Parsons e Robert Merton, sendo desenvolvido pela cibernética de Nobert Wiener e Walter Buckley. Na França, a idéia que adentramos em uma “Sociedade de Controle” foi elaborada por Michel Foucault e aperfeiçoada por Gilles Deleuze. Uma vez que o termo “Sociedade de Controle” serve tanto a pensadores libertários como aos que defendem abertamente uma atitude integrada à sociedade, acredito que ele possa caracterizar adequadamente o cenário social contemporâneo. E confrontando e atualizando essas abordagens, extraindo proposições gerais comuns a diferentes campos e concepções, desejo visualizar uma nova abordagem do papel da mídia na atualidade, em que os meios de comunicação não sejam vistos apenas

(1) Professor assistente de Comunicação Social da UFRN, Mestre em Ciências Sociais pela UFRN



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

como produtores de ideologia, mas também como um conjunto de subsistemas sociais de cognição coletiva.

‘A arte de pilotar navios’ é semelhante à ‘arte de governar o estado’ devido a dois aspectos: o autocontrole (*Kiber* = controle; *Ethos* = auto) e a idéia de movimento pendular, em que é sempre preciso alternar posições opostas para manter o equilíbrio. Essas idéias, presentes no Timeu de Platão, influenciaram muitos pensadores de diferentes matizes, em diferentes épocas e locais (Ampère, Foucault, Golbery do Couto e Silva); mas se celebrizaram na versão elaborada por uma efêmera corrente de intelectuais norte-americanos preocupados em unir o estudo da robótica aos da neuropsicologia e da sociologia, cuja maior expressão foi Nobert Wiener. Para ele, a Cibernética é “a ciência da comunicação e do controle dos homens, das máquinas e dos animais”.

Em relação Cibernética propriamente dita, mais do que re-apresentar as idéias de Wiener e seus seguidores, quero estudar o reaparecimento contemporâneo da idéia de “controle” e o estudo da retroalimentação das causas pelos efeitos em anéis de recorrência. O resgate do pensamento cibernético é particularmente importante por dois motivos: a) desloca a interpretação do ‘como se diz’ (as formas) para ‘o que se diz’ (o conteúdo); b) permite a compreensão da informação agenciada em rede, uma vez que pensa as inter-relações entre receptores coletivos segmentados. Porém, agora se trata de uma retroalimentação múltipla e complexa, em que todos são simultaneamente emissores e receptores. Assim, é preciso rever a teoria do feedback.

Infraestrutura de recorrência causal	Superestrutura retroprojeta
Retroalimentação entre passado e presente	Retroalimentação entre o futuro e o presente
Emissor Coletivo Individualizado (a mídia) + Receptor Individual Industrializado (a massa)	Emissor Individual Socializado (o enunciador) + Receptor Coletivo Segmentado (as redes)

A Cibernética já reconhecia dois tipos de ‘feedback’ ou retroalimentação eletromecânica: as de auto-regulação (em que um esforço é equilibrado pelo seu inverso, assim: ‘quanto mais x, menos y; quanto menos x, mais y’) e as de auto-reforço (de onde



mais tarde surgem a teoria do caos e dos sistemas complexos). No primeiro caso não faltam exemplos: a mão invisível entre a oferta e a procura de Adam Smith, o controle mútuo das instituições americanas, o equilíbrio das bicicletas, o próprio zig-zag do timão dos barcos que deu nome a cibernética.

A Cibernética, na verdade, aperfeiçoou a noção de auto-regulação do funcionalismo (T. Parson, R. Merton) que a considerava como uma sincronia das partes (as instituições) em relação ao todo (a sociedade). Wiener deu uma dimensão histórica à ‘homeostase’ e inseriu a categoria de ruído no lugar da ‘disfunção’ do sistema.

Hoje, a auto-regulação é uma relação dialética entre o passado e o presente, entre história e sociedade, em que as ações passadas determinam a situação atual que, por sua vez, determina a memória que temos dos fatos. Em contrapartida, os retornos de auto-reforço e de crescimento exponencial (epidemias, desequilíbrio dos sistemas ambientais, doenças) não foram muito desenvolvidos pela Cibernética. Foi o estudo dos sistemas complexos que compreendeu a ‘retorno de auto-reforço’ como uma relação dialética entre o futuro virtual e o presente atual: “o que penso causa o que sou que causa o que serei”.

São três, suas versões clássicas em que o “fator futuro” se torna determinante:

- O ‘**efeito popularidade**’ ou a tendência de uma causa ganhar apoio simplesmente devido ao número crescente dos que aderem a ela.
- A ‘**profecia**’ ou a maldição que se auto-realiza, na qual ‘os temores originalmente infundados levam a ações que fazem os temores se tornarem verdadeiros’.
- O ‘**círculo vicioso**’ em que fatores causais opostos e complementares se realimentam ao infinito: “os biscoitos não vendem porque estão velhos e estão velhos porque não vendem”.

Essas modalidades de auto-reforço não são apenas desequilíbrios sistêmicos em sistemas não-lineares, como epidemias ou desequilíbrios ecológicos, mas, sobretudo estruturas complexas de comportamento coletivo baseado na simulação do futuro de modo virtual – como veremos em nossa conclusão provisória. Agora, vejamos o outro pólo dos



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

pensadores cibernéticos, aqueles que gostariam de escapar ao controle social ao invés de gerenciá-lo através do estudo da retroalimentação dos efeitos sobre as causas, de movimentos pendulares e estratégias circulares.



O CONTROLE PÓS-MODERNO

O filósofo Gilles Deleuze (DELEUZE; 1985), em sua homenagem póstuma a seu amigo Michel Foucault, comparou-o a um ‘novo Marx’, devido à sua forma revolucionária de entender o poder. Para Deleuze, Foucault foi o principal teórico da contracultura, derrubando uma série de teses tradicionais da sociologia. Por exemplo: segundo Deleuze, o poder foucaultiano não é ‘propriedade’ de uma classe que o teria conquistado, mas um conjunto de estratégias materializadas em práticas, técnicas e disciplinas diversas e dispersas. “Ele se exerce mais do que se possui, não é um privilégio adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas”. Nesta lógica, Foucault também contestaria a idéia de que o Estado e a esfera pública funcionam como centros de organização social, vendo o poder disperso em uma multiplicidade de disciplinas e de manobras táticas: “o poder não nem global nem local, não está em lugar nenhum, mas infinitesimalmente difuso no espaço”.

De forma que, o poder, encarnado no aparelho de estado, não estaria subordinado a um modo de produção ou a uma infraestrutura econômica. O poder seria então diretamente ‘produção’, seria imanente à produção social e não comportaria nenhum tipo de unificação transcendente ou centralização globalizante. Assim, também seria falsa a formulação maquiavélica-gramsciana de acordo com o qual, o poder agiria ora por coerção, ora por consenso. Nessa ótica, “o poder produz a verdade antes de mascarar-la na ideologia; o poder produz a realidade antes de forçar o seu enquadramento através da violência”. (2)

Mas as coisas não são bem assim! Em seus primeiros trabalhos, Foucault estudará prioritariamente o ‘saber’. Entretanto, este saber será sempre um duplo do poder, de uma determinada correlação de forças externas. Daí - uma vez que a linguagem tem um sentido

(2) Na verdade, considero a maior e mais subversiva contribuição de Michel Foucault ao pensamento sociológico, a idéia segundo a qual as leis não são regras normativas para regulamentar a vida social em tempos de paz, mas a própria guerra das estratégias de uma determinada correlação de forças. A lei não é expressão contratual do poder, ela é o próprio poder que descreve, analisa e classifica as condutas humanas. “É a lei quem produz a delinquência”.



politicamente imposto - a defesa do primado metodológico do ‘dizer’ sobre o ‘ver’, dos enunciados sobre as formas não-discursivas, na *Arqueologia do Saber*.

Para desvendar o verdadeiro sentido deste saber duplicado seria necessário construir uma “Genealogia do Poder”. Em *Vigiar e Punir*, o advento da instituição carcerária e do direito penal nos últimos 300 anos na sociedade ocidental são o pano de fundo para esse projeto de construção de uma analítica do poder. Já na conclusão de *A Vontade de Saber*, Foucault esboça pela primeira vez uma explicação geral de todo seu trabalho anterior. O manicômio, a clínica, o presídio e toda arqueologia descontínua das instituições se explicariam por uma mudança na forma através do qual o poder se exerce: do poder baseado na morte e na punição exemplar para o poder das punições simbólicas e administrativas (3). Assim, Foucault vai, neste segundo momento, estudar a passagem das sociedades de soberania (em que o poder se fundava na ameaça de morte e na punição exemplar) para sociedade disciplinar das instituições de confinamento (o presídio, a fábrica, a escola, o exército, o hospital), em que as formas discursivas passam também a desempenhar um papel organizador.

Sociedades de soberania	Poder emana do direito de morte do rei
Sociedades disciplinares	Poder a partir do confinamento e duração
Sociedades de controle	Poder baseado na moratória ilimitada

Desenvolvendo esta idéia foucaultiana, Deleuze vai, no *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* (DELEUZE, 1998. Pág.219), proclamar o fim das instituições de confinamento estudadas por Foucault e o aparecimento de novos dispositivos de controle

(3) A cumplicidade involuntária de Foucault com o poder microfísico que desejava descrever foi apressadamente denunciada por Jean Baudrillard. Para ele, ao descrever o poder como algo que engloba todas as resistências, Foucault teria anulado qualquer possibilidade de mudança estrutural de nossa sociedade. Mesmo sem responder diretamente à crítica, os últimos livros de Foucault adotam uma mudança importante: o ressurgimento da subjetividade, do ‘lado de dentro’, não como uma entidade cognoscente, mas como uma auto-referência diante do poder e dos seus duplos, os discursos. Os livros - *O Uso dos Prazeres e O Cuidado de Si* - fariam parte de uma terceira e última etapa do filósofo, em que seu objeto não seria mais a arqueologia dos saberes ou os dispositivo do poder, mas sim “como nos tornamos sujeitos”.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

'em redes a céu aberto'. Para Deleuze, um terceiro regime, o da “moratória ilimitada”, gera um estatuto de responsabilidade social e vai estabelecer um novo tipo de poder, ainda mais introjetado e subliminar que a disciplina: o controle contínuo, simultâneo e descentralizado a partir de um sistema numérico de cifras e senhas.

Neste novo regime de moratória ilimitada, formação e trabalho são ininterruptos; a escola está dentro da empresa, a empresa também está dentro da escola e cada um fica em sua própria casa; a produção de subjetividade – tida por muito tempo como secundária em relação à produção social – se torna a principal atividade econômica da sociedade contemporânea; as redes audiovisuais passam a desempenhar um papel estruturante na vida cotidiana – entre vários outros aspectos que hoje vemos mais de perto.

Mas, ao contrário de muitos “ciber-fanáticos” atuais, Deleuze não considera a sociedade de controle globalizado melhor que as antigas sociedades disciplinares (embora haja avanços: o atendimento médico domiciliar deve ser melhor que o hospital, os serviços comunitários para delitos leves devem ser melhores que o encarceramento, a empresa e a participação nos lucros são melhores que a fábrica e o salário). Para ele, o importante é descobrir formas de resistência a este novo poder.

Em um artigo mais recente, *Produção de Subjetividade*, o psicólogo Felix Guattari (in PARENTE,1996.) desenvolve a idéia desses três tipos de poder na como diferentes sociedades ou estágios históricos, mas como fatores simultâneos de um poder cada vez mais aperfeiçoado em seus métodos de controle social. Neste texto, Guattari define três “vias/vozes” simultâneas dos 'Equipamentos Coletivos de Subjetivação': as vozes do poder, as vozes do saber e as vozes da auto-referência.

I. **“As vozes do poder:** que circunscrevem e cercam, de fora, os conjuntos humanos, seja por coerção direta e dominação panóptica dos corpos, seja pela captura imaginária das almas” (ou **“a produção da produção”** na linguagem do livro *O Antiédipo* e, na série *Mil Platôs*, o conjunto das instituições formado através do conflito entre o aparelho de estado e a máquina de guerra nômade)

II. **A máquina semiológica (“a produção do registro”** em seus primeiros trabalhos) ou “as vozes do saber: que se articulam de dentro da subjetividade às pragmáticas técnico-científica e econômica”. Poderíamos dizer que há uma máquina dentro da outra, ou melhor: que a máquina de



guerra do poder equivale ao hardware e à linguagem *assembler* (e por seu caráter binário está associado à Árvore) enquanto a máquina semiológica equivale aos softwares e às linguagens de alto nível (e por isso assemelha-se mais a metáfora do Espelho e a noção de Inconsciente).

III. E as máquinas de fabricação de Si e das singularidades, (“a produção do consumo” no *Antiédipo*) ou “as vozes de auto-referência: que desenvolvem uma subjetividade processual auto fundadora de suas próprias coordenadas, auto-consistencial, (...)” Neste nível é que o sistema produz seus vírus e seus anticorpos; que os efeitos de popularidade, maldição e dos círculos de retroalimentação são engendrados; que a comunicação se aproxima da epidemiologia. E que o próprio discurso de Guattari se produz e é interpretado, em que as singularidades se encontram e que os modos de virtualização se processam.

Teríamos assim três níveis entrelaçados de Controle Social: o controle através das instituições, o controle através de formas discursivas e o controle de Si.

O **controle de tipo institucional** se constitui não apenas coerção física, mas também dos fatores econômicos, jurídicos, de correlação de forças políticas, etc, enfim: de todos fatores de condicionamento objetivo da ação social.

O **controle através de formas discursivas**, por sua vez, representa todo condicionamento subjetivo dos jogos da linguagem, seja pelo acesso à informação seja pela sugestão de valores e pontos de vistas. É o campo que Foucault, Deleuze e Guattari evitam chamar de *ideológico* (4).

E, finalmente, o **controle de Si ou autocontrole** é um nível mais psicológico que cultural, que funciona com autonomia dos desejos e da consciência em relação à estrutura de fatores objetivos e ao sistema de crenças do ator social em questão.

(4) Os pensadores pós-modernos nunca usam o termo “ideologia” porque denotaria uma alienação da vida social. Em uma falsa deferência à tradição francesa do “corte epistemológico” (isto é, a oposição metodológica radical entre ciência e ideologia advogada por Gaston Bachelard e Louis Althusser), Michel Foucault, na coletânea brasileira intitulada **Microfísica do Poder**, ironiza seus professores dizendo que falar em ideologia é considerar antecipadamente falsas as idéias alheias diante de um pensamento supostamente científico. Já Deleuze e Guattari argumentam que o termo “ideologia” é reativo e inadequado porque pressupõem uma relação passiva com realidade.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SUJEITO E PODER

Mas, ao contrário do que gostariam seus amigos, o verdadeiro objetivo de Foucault não era a descrição analítica do poder nem o desenvolvimento de seus mecanismos de controle; seu projeto manifesto em seus últimos textos (5), era entender "o modo como um ser humano se transforma em sujeito". Sujeito, tanto no sentido de 'submetido a outro por controle e dependência', quanto no sentido de 'consciência, identidade de si'. Nesse sentido, as relações de poder (em conjunto com as relações de exploração e de produção de sentido) têm por objetivo transformar indivíduos em sujeitos, sujeitando-os às redes, submetendo-os a uma falsa imagem de si próprias e subjugando-os de forma aparentemente voluntária.

(5) FREYFUS, H. e RABINOW, P. "Deux essais sur le sujet et le pouvoir", in.; **Michel Foucault. Un Parcours philosophique.** Paris, Gallimard, 1984. Tradução parcial (p. 297-321) em: <http://jornalista.tripod.com/midiaepoder/contemp.htm>



Relações de poder, relações de comunicação, capacidades objetivas não devem ser confundidas. Isto não significa que se trata de três domínios separados; e que haveria de um lado o domínio das coisas, da técnica finalizada, do trabalho e da transformação do real; do outro, o dos signos, da comunicação, da reciprocidade e da fabricação do sentido; e enfim aquele da dominação dos meios de constrangimento, da desigualdade e da ação dos homens sobre os homens. Trata-se de três tipos de relações que, de fato, estão sempre imbricados uns nos outros, dão um apoio recíproco e se servem mutuamente de instrumento. O pôr em ação das capacidades objetivas, nas suas formas mais elementares, implica relações de comunicação (quer se trate de informação prévia ou trabalho partilhado); ele está também ligada às relações de poder (quer se trate de tarefas obrigatórias, de gestos impostos por uma tradição ou uma aprendizagem, de subdivisões ou repartição mais ou menos obrigatória do trabalho). As relações de comunicação implicam atividades com um fim (que seriam o pôr um jogo correto de elementos significantes) e devido ao simples fato de modificarem o campo informativo dos parceiros, eles induzem efeitos de poder. Quanto às relações de poder elas exercem-se numa parte extremamente importante, através da produção e troca de signos; e elas não podem também ser dissociadas das atividades com um fim, quer se trate daquelas que permitem exercer esse poder (técnicas de adestramento, os procedimentos de dominação, as maneiras de obter obediência) ou aquelas que fazem apelo para se desenvolverem às relações de poder (como na divisão do trabalho e na hierarquia das tarefas).

Ao poder que se exerce sobre as coisas, Foucault chama 'capacidade'. Tanto as relações de comunicação como as de poder se exercem sobre os outros, mas essas últimas são invisíveis e silenciosas. E enquanto a história e a teoria econômica estudam as relações de produção e a lingüística e a semiótica, as relações de sentido; dificilmente se observa o poder em si mesmo. Em relação ao poder só podemos visualizar as relações de poder externamente, como uma 'racionalização' excessiva da vida social (como faz a Escola de Frankfurt com sua crítica ao iluminismo), ou indiretamente, através das formas e condutas de resistência a este poder (o louco, o delinqüente, o pervertido sexual). E é para escrever uma história do sujeito que Foucault irá detalhar esses confrontos de resistência entre as pessoas e essa 'racionalização excessiva' da sociedade.

A princípio, Foucault imaginou identificar as origens desse poder 'da razão perversa' na história das instituições e práticas sociais dos últimos trezentos anos da Europa Ocidental, mas já no final da vida ampliou sua pesquisa até os gregos e as próprias origens do que nos faz sentir 'ocidentais': a distinção entre a "arte erótica" e "ciência sexual". Com o ideal ético de auto-governo da polis ateniense, da ilusão de que "só aqueles que se



dominam podem dominar os outros", o mundo ocidental virtualizou sexualmente o poder de forma gradativa e irreversível até o advento da Inquisição cristã e da produção diabólica do inconsciente individual.

Aquilo que é preciso entender por disciplinarização das sociedades depois do século XVIII na Europa, não é que os indivíduos que dela fazem parte se tornam cada vez mais obedientes; nem que eles se põem todos uniformes em casernas, escolas ou prisões; mas que aí se procure um ajustamento cada vez mais controlado, cada vez mais racional e econômico entre as atividades produtivas, as redes de comunicação e o jogo das relações de poder.

Eis a quinta-essência do poder “em Foucault”: ele transcende a organização e é imanente à linguagem, para se reconhecer em um terceiro patamar, que na verdade é que determina as suas condições de existência: o das vontades de poder. E neste terceiro nível de controle social que o poder contemporâneo está associando às idéias de “risco” e “morte”, utilizada como uma ameaça psicológica permanente. Para Deleuze e seus seguidores, a experiência da morte pós-moderna é imanente à da própria vida. Ela é, simultaneamente, uma meta e um limite: não se trata de uma ameaça eventual ou um medo inconsciente, mas de uma presença constante a cada segundo que mantém todos internamente submissos às redes sociais.

Assim a idéia de que vivemos em uma Sociedade de Controle não significa a simples predominância de uma forma de submissão voluntária ao poder em detrimento dos velhos mecanismos coercitivo e ideológico. Não se trata da substituição dos controles institucional e discursivo, dando autonomia e liberdade aos indivíduos, mas sim de um aperfeiçoamento histórico desses mecanismos gerando uma nova e mais profunda dependência e controle. É como explica Paulo Vaz (6):

Experimentamos a formação de uma sociedade de controle ou da fragilidade. Se uma sociedade se define pelos valores que propõe como positivos e se estes emergem por negação da negação, a passagem da disciplina ao controle é também a passagem da norma ao risco como conceito primário a partir do qual se pensa a relação dos indivíduos consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Os valores maiores de nossa sociedade parecem ser, na relação consigo, o bem-estar, a juventude prolongada, o autocontrole e a eficiência: na relação com os

(6) VAZ, P. **Corpo e Risco** <<http://www.angelfire.com/mb/oencantador/paulovaz.html>>



outros, a tolerância, a segurança e a solidariedade; na relação com o mundo, a preservação ecológica. Estes valores implicam o cuidado a partir do risco como fundo de negatividade a ser evitado. Tudo o que nos proporciona prazer, e que é nosso dever conquistar, pode implicar dependência e risco de morte prematura; o outro só não é tolerado em seus hábitos de prazer quando nos põe em risco e, inversamente, somos convidados a ajudar todos aqueles que estão em risco, principalmente quando sua situação deriva da ação de outros, quando são vítimas; por fim, as catástrofes derivadas do excesso de consumo são a matéria-prima dos discursos ecológicos.

Relevante neste sentido é a questão das drogas e da dependência química. A noção foucaultiana de ‘modo de sujeição’ nos sugere que o poder tornou-se mais bioquímico que microfísico e que a principal estratégia atual consiste, na produção hipócrita de uma sociedade de viciados. Álcool, nicotina, cafeína, açúcar, remédios, mas, sobretudo, ilusões. Eis a mais cara e menos proibida das drogas: a TV. Aliás, o consumo de imagem e som é a única coisa gratuita em nossa sociedade. Ele interage diretamente com o universo alimentar formando um conjunto de necessidades e, principalmente, mantendo o indivíduo em níveis cada vez mais altos de stress emocional. Após séculos de sujeição sexual imposta pelo cristianismo, os mecanismos de poder geram agora uma nova tecnologia de controle social: as formas psicoquímicas de individualização de nosso sentimento de morte.

Mas o que esta morte pós-moderna tem de diferente do antigo regime da Sociedade de Soberania? E não será que este autocontrole introjetado através da Cibercultura não é apenas um aperfeiçoamento da manipulação ideológica exercida através da culpa cristã (e do cuidado latino e da temperança clássica)? Sim, mas o “regime de moratória ilimitada” leva a um predomínio de um novo tipo de autocontrole social, em que o uso coercitivo da força e as restrições de ordem econômica ocupam um lugar secundário. Assim, na Sociedade da Soberania, o controle institucional (a vontade do príncipe) desempenhava um papel central na organização do estado moderno; na Sociedade Disciplinar, o controle através das formas discursivas, que já existia de forma residual nas elites mais cultas, se torna mais importante e se combina com o controle institucional.

Sendo assim, não se enganem: às sombras desse poder consensual da Mídia repousa a boa e velha força das armas e do dinheiro. Imaginem um professor em sua sala de aula,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ele dispõe de mecanismos coercitivos (a chamada e a nota) e de incentivo econômico (bolsas, contatos para estágios), mas só será considerado um bom professor de se conseguir fazer com que seus alunos estudem por livre e espontânea vontade, isto é, se estabelecer um contato “consciencial” além da situação institucional e de suas formas discursivos que os motive no sentido de um interesse comum. É bem possível que alguns professores consigam motivar seus alunos sem chamadas, notas ou promessas; mas eles fazem isto dentro de escolas em que essas práticas ainda são vigentes e estão à disposição.

Idéia semelhante, embora baseada em outros critérios, é a visão neo-weberiana (CASTELLS, 1999) de que o início do capitalismo é um período de dominação econômica, de que a intervenção estatal do pós-guerra marca o início de um período de dominação política e de que o período da globalização iniciado pela contracultura inicia um período em que a dominação ideológica através da mídia ocupa um lugar de destaque. Nesta perspectiva, a mídia é uma combinação das três formas de dominação legítimas clássicas: ela normatiza o cotidiano, hierarquiza o carisma e reinventa a tradição.

Mais não é só! Com globalização, esse “regime de dependência ideológica” da sociedade de consumo produz uma nova experiência de tempo/espaço em que o futuro e sua simulação passam a desempenhar um papel fundamental.

UM NOVO TEMPO, UMA NOVA MORTE!

A noção de morte como limite-meta mostra uma nova forma de produção de sentido existencial. (GOMES, 2001. Pág. 11) O tempo regressivo não é mais vivenciado como o eterno retorno de antigamente como uma superação da metas, como sempre viver no limite e manter um cuidado obsessivo com o corpo. É como se nossa vida fosse uma corrida de maratona, em que, para chegarmos ao final, precisamos dosar respiração, cuidar da postura, da hidratação para não sairmos machucados ou doentes.

	PRÉ-ESCRITA	ESCRITA	PÓS-ESCRITA
TEMPOS BIOLÓGICO	REGRESSIVO	REGRESSIVO	PROGRESSIVO



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

TEMPO SOCIAL	REGRESSIVO	PROGRESSIVO	REGRESSIVO
---------------------	-------------------	--------------------	-------------------

Antes da escrita, não havia história. Sem memórias externas, não-biológicas, vivíamos no 'Eterno Retorno': o tempo era cíclico e mítico e tudo sempre recomeçava aonde terminava. Com a escrita, o tempo social passou a ser progressivo, isto é, orientado para a continuidade, para o futuro, para acumulação de informações em memórias sociais cada vez mais complexas. No terceiro momento, no entanto, voltamos a viver em um tempo social regressivo, mas ao contrário do tempo cíclico do paradigma mítico anterior a escrita, vivemos hoje essa 'regressividade' social do tempo de forma progressiva, adaptando o corpo e suas ações ao ritmo de demandas ditadas diretamente pelos ciclos sociais (e não pelos ciclos naturais). Assim, mais do que um retorno aos tempos antigos, há uma inversão dos tempos modernos e a novidade é que nós estamos, em nossas neuróticas maratonas existenciais, produzindo um tempo biológico progressivo.

Em uma analogia entre as memórias neurológicas e tecnológicas, associou-se as memórias RAM (operacionais e imediatas) às lembranças de curto prazo ("esqueci as chaves!" – por exemplo) e a memória ROM (os HDs), à nossa memória biográfica de longo prazo. Dentro dessa analogia, pensou-se primeiro na preponderância das memórias de longo prazo (e do armazenamento local de dados) sobre a capacidade de memória de curto prazo (e da velocidade de processamento das operações lógicas).

Porém, com a chegada dos sistemas operacionais de rede (Linux e Windows98) e dos terminais inteligentes chegamos simultaneamente ao fim da era das memórias locais e a um 'computador coletivo' que não se organiza centralizadamente como uma única inteligência,

(7) Em um passado ainda recente, a memória arcaica do homem, concebida como uma unidade mítica das culturas, recebeu muitos nomes: 'inconsciente coletivo', 'cérebro planetário', 'alma do mundo', 'noosfera'. O Ciberespaço, no entanto, não é (apenas) um espaço imaginário formado por sonhos, mitos e imagens do inconsciente; mas uma realidade hipertextual da qual alguns são excluídos (ou se auto-excluem).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

mas como uma memória de rede de milhões de inteligências diferentes comum aos homens e às máquinas: o Ciberespaço. (7)

	GLOBAL	
NATURAL	AS REDES	SOCIAL
	LOCAL	

O Ciberespaço é formado por redes e conexões, não apenas entre os pólos natural e social, mas, sobretudo, entre o 'micro', os contextos interpessoais localizados, e o 'macro', as generalizações impessoais. Menos universal e abstratas que os sistemas e menos concretas e circunstanciais que os fractais, as redes do Ciberespaço são também agenciamentos intermediários entre o local e o global.

Atualmente a miniaturização nanotécnica e a microcodificação devem pulverizar ainda mais este 'computador coletivo' em diversos objetos-informacionais (carros, próteses corporais, roupas, acessórios, etc...), fazendo com que o computador penetre ainda mais no mundo das coisas e tornando sua presença cada vez menos evidente. E o advento deste 'computador invisível' (coletivo e múltiplo ao mesmo tempo) tenderá a subtrair das máquinas as memórias ROM, aumentando-lhes apenas a capacidade lógica operacional.

Em contrapartida, quanto menos memorizamos comandos em nossa memória biológica de curto prazo, mais nos dedicaremos ao aperfeiçoamento subjetivo de nossas referências e à singularização histórica. Assim, quanto menos as máquinas não tiverem memória local ou personalidade própria, mais funcionarão como extensões amplificadoras de nossos corpos criativos.

Vivemos em uma sociedade semelhante à descrita no filme *Matrix*, aprisionados por tubos químicos e hipnotizados por sistemas audiovisuais, sonhamos viver outra vida enquanto somos dominados por máquinas - em que as drogas e os meios de comunicação de massa (e agora a Internet) são, mais que sonhos alienantes da realidade, novos modos de



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sujeição e controle. Os (anti)heróis agora são os hackers e que, vivendo entre o real e o virtual, utilizam-se das redes de forma a burlar o poder e o controle que a sociedade exerce sobre os indivíduos.

A Cibercultura veio para ampliar a democracia cognitiva iniciada pela comunicação de massas e, ao mesmo tempo, também para reificar as relações de poder da sociedade de consumo. Por isso, nossa relação interativa com as novas formas de interatividade é que nos revelará se as novas tecnologias vão ser utilizadas para uma sociedade melhor ou se são somente mais um modo para manipulação social.



O objetivo principal é estabelecer desta série de textos é construir um modelo teórico geral para categoria “Sistema de Controle” (com parâmetros específicos e indicadores de controle institucional, ideológico e cognitivo) e aplica-lo a diferentes tipos países e situações - em uma segunda etapa da pesquisa voltada para o trabalho de campo, a comparação de dados empíricos e para construção de uma página na internet sobre o advento da Sociedade de Controle.

A noção de “Controle” de Deleuze *versus* o conceito de “Controle” de Wiener - é este estranho diálogo imaginário que desejamos reconstituir. Porém, antes de entrar diretamente na analogia, se faz necessário algumas preliminares. Em primeiro lugar, seria importante ressaltar que este “diálogo cibernético” se dá em meio a um cenário teórico mais geral e abrangente. Sendo assim, dedicamos algumas páginas para as contextualizações filosófica (*A Cultura antes do Ciberespaço*) e histórica (*Contracultura e Pós-Modernidade*) dessas idéias em relação as principais correntes do pensamento sociológico contemporâneo. Depois também é importante lembrar que este diálogo/conflito já tem pelo menos dois interlocutores de peso (Edgar Morin e Pierre Levy). Por isso, também detalhamos a seguir, as principais idéias deles: *a Teoria da Complexidade* e *a Inteligência Coletiva*.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Bibliografia Geral

- BUCKLEY, W. **A sociologia e a moderna teoria dos sistemas**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- CASTRO, G. (org.) **Ensaio de Complexidade**. Natal, Edfurn, 1998.
- DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Volume 1, 2, 3, 4 e 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- GUATTARI, F. **Caosmose - um novo paradigma estético**. São Paulo: ed.34. 1992.
- GOMES, M. B. **O Hermeneuta - Uma Introdução ao Estudo de Si**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Natal: UFRN, 1996.
- _____. **Um Mapa, uma Bússola - Hipertexto, Complexidade e Eneagrama**. Rio de Janeiro: Ed. Mileto, 2001.
- LEVY, P. **Tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- _____. **A Inteligência Coletiva - por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- KERCKHOVE, D. **A pele da Cultura**. Lisboa: Relógio d'água Editores, 1997.
- PARENTE, A. **Imagem Máquina - A era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.
- WIENER, N. **Cibernética e Sociedade, o uso humano dos seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1954.